

O percurso de Xituvana de "ntchela gôde" aos ringues

— Joe Garfield ou António Sitói, uma ex-vedeta falando de si



Xituvana, junia de um dos seus filhos

Poucas pessoas no mundo do pugilismo moçambicano — conhecem quem foi António Samuel Sitói, o daddo que nasceu a 15 de Agosto de 1915, algures em Gaza. Seguramente, centenas de moçambicanos com idades superiores a 40 anos, que viveram na então Lourenço Marques e amantes do desporto, recordam-se de Joe Garfield, ou Xituvana, que foi «persona grata» da chamada nobre arte deste país desde os anos de 40 até fins de 60. Xituvana, ou Joe Garfield, são, ao fim e ao cabo, heterónimos de António Samuel Sitói. São os «nomes de guerra» que em determinado momento da sua carreira pugilística passou a usar, morrendo despretivamente o incógnito António Samuel Sitói.

DE «NTCHELA GÔDE» PARA OS RINGUES

— Antes do boxe, iniciei-me no «ntchela gôde», por volta de 1940, com rapazes da minha idade. «Ntchela gôde» era uma prática de boxe clandestino que se praticava às escondidas e perseguido pela polícia. Como o cerco apertasse, com a prisão de muitos colegas, decidí alistar-me nas escolas de pugilismo. Daí a minha ida para o Ferrolário.

Impõe-se aqui um espaço nesta narrativa, para tentar explicar o que é o «ntchela gôde».

O «ntchela gôde» surge, com efeito, como uma sociedade secreta de serviços, normalmente provenientes da província de Gaza,

que após os trabalhos domésticos se reuniam, à noite, algures em locais pouco frequentados, para se entregarem a cenas de pancadaria — um tipo de pugilato para se encontrar, em jeito de eliminação, o campeão dos campeões. Uma música de gaitas que acicava os ânimos, constituía o pano de fundo destas lutas. Eram combates com mãos nuas, que metiam cabeçadas e joelhadas. As matas das barreiras do Maxaquene, da praia da Costa do Sol ou locais onde se extraía areia para a construção civil, eram cenários privilegiados.

O nome de «ntchela gôde» (buraco cavado) surge precisamente devido a este último aspecto.

Os entendidos em questões sociais consideram esta prática como reflexo da marginalização a que a etnia changane fora votada dentro outros grupos étnicos da cidade e através da violência encontrava a sua válvula de escape, dizem uns, ou, através dela, esta se impunha à consideração das demais.

Duma ou outra forma, os membros destas sociedades secretas eram temidos e, aí daqueles que se cruzassem no seu caminho.

O nome de Xituvana por que também é conhecido o nosso entrevistado, pretende retratar esse passado, conforme no-lo explica Joe Garfield:

— Xituvana quer dizer pombo. Os meus condiscipulos dessa época chamaram-me assim porque diziam que eu voltava ou geometrizar-me em combate como os pombos, dado o meu jogo de mãos e de pernas. A alcunha ficou e ninguém me conhece por António Samuel Sitói.

E Joe Garfield? — indagámos.

— Ora, Joe Garfield é o título de um filme que correu no «Scala» sobre a história de um pugilista americano. A esposa do sr. Ludo Ugheto, meu treinador, que acompanhava sempre o marido nas lutas pugilísticas viu ou achou que a minha maneira de actuar se assemelhava à desse pugilista. Assim, para todos, passou a ser Joe Garfield também.

OS MAIORES DA SUA GERAÇÃO

Indagámos ainda de Joe Garfield, quais os pugilistas locais que

mais o impressionaram durante a sua carreira, tendo nos indicado nas diversas categorias os nomes de Edmundo Domingues (alecido há pouco tempo), de Júlio Neves e de Benjamim Lopes da Silva. Garfield considera-os completos, quer em termos de técnica e agressividade, quer em termos de poder de encaixe.

MAIS PRÓXIMO DE BARBOSA

Como se define o nosso entrevistado?

Xituvana afirma ter realizado perto de 30 combates, dos quais ga-



António Sitói, Joe Garfield ou simplesmente Xituvana

nhou alguns poucos por K.O., pois define-se como um pugilista técnico que não tem o poder de soco de um Mário Eugénio ou de Francisco Bila. Considera-se, sim, mais próximo de Mário Barbosa, cujo jogo de pernas e de mãos admirava particularmente.

— Este pugilista era um autêntico bailarino no ringue. Dos combates que efectuei, distingo um com o soldado português Arnaldo Pereira, que integrava o Batalhão Expedicionário tido por «68». Foi um combate no campo do Ferrolário, num ambiente escaldante, dada a presença de muitos soldados portugueses que constituíam a claque do meu opositor. Foi um combate duro, em que Arnaldo Pereira cometeu uma série de irregularidades merecedoras de desclassificação. Mordeu-me no rosto e no corpo,

acabando por abandonar o ringue. No entanto, a vitória não me foi atribuída, por razões óbvias... LUDO UGHETO: QUEM FOI?

Durante a nossa conversa, Joe Garfield referiu-se muitas vezes a Ludo Ugheto, a quem ficou a dever muita da sua carreira de pugilista, pelo que quisemos saber quem foi esta personalidade.

— Ugheto foi o «manager» de muitos pugilistas moçambicanos, os da minha geração e os que vieram mais tarde. Impulsionou principalmente o boxe do Ferrolário, dando-lhe outra reestruturação. Além de «manager», envolveu-se também na luta, tendo subido muitas vezes ao ringue. Ludo Ugheto foi um cidadão italiano refugiado da Segunda Grande Guerra Mundial e que muito facilmente se integrou na sociedade lourenço-marquina de então. A sua esposa, senhora africana, foi apoiante de alguns de nós.

ALGUMA FALHA DE MEMÓRIA

Diz-se que os pugilistas, dado o carácter violento da modalidade, ficam com muitas marcas que depois os acompanham pelo resto da sua vida. A falha de memória é muito citada como a mais frequente das mazelas.

Ao nosso interlocutor notámos muitas vezes essa situação, que pode ser natural devido à idade que tem: 68 anos.

No resto, parecemos uma pessoa de saúde razoável e, mentalmente, à excepção desse facto, coordena bem as suas ideias. Xituvana será uma excepção à regra ou bateu mais do que levou?

MEDALHAS E FOTOGRAFIAS

Joe Garfield teve uma carreira positiva no mundo do boxe, que foi registada na imprensa em imagens e foi, inclusivamente, premiada com medalhas.

Infelizmente, esse registo biográfico que encerrava toda a sua vida pugilística estava contida, seguramente guardado, numa mala que um inescrupuloso ladrão levou consigo.

Assim, com muita mágoa, o nosso entrevistado não pode documentar junto dos seus netos o que foi quando jovem, limitando-se apenas a contar-lhes excertos da sua tão turbulenta carreira.



No ambiente íntimo do lar

Pois Joe Garfield, nome que aparecia em parangons na imprensa local, ou simplesmente Xituvana, designação por que era conhecido entre a população suburbana, onde se recrutava a maioria dos seus adeptos, foi dos bons pugilistas deste país que ao lado de Tigre Macuacua, Júlio Marieta, Edmundo Domingues, Júlio Neves, Jorge Taíói, Xangai, Manuel Braga, Messias, Mário Eugénio, Manuel Barbosa, Benjamim Lopes da Silva e uns poucos constituíram o gáudio dos amantes da modalidade e enchiam as noites de boxe do ringue do Ferrolário, do Sporting, do Xipamanite e, mais tarde, do Mahangalenz.

Joe Garfield hoje está retirado do boxe e reformado da sua actividade profissional. Aos 68 anos, vive agora de recordações, na sua residência no Alto Maé, na fronteira onde acaba o cimento e começa o subúrbio. Os seus quatro filhos e oito netos preenchem-lhe grande parte do outro espaço que o boxe deixou.

Garfield ou Xituvana, nem parece um antigo pugilista. A sua cara não ostenta as marcas dos «punches» nem dos directos que levou, o que pode significar que dava mais do que levava. O seu corpo ainda mantém algo da sobriedade de outrora, apesar de mancar da perna direita. A sua alma, continua povoada de boxe e é desse rosário que ele desfiou um bocadinho para os seus leitores.